

**ENTRE MARGENS:
O SAGRADO X O PROFANO NO CONTO “JUDAS-ASVERO”
DE EUCLIDES DA CUNHA**

Luis Fernando Ribeiro Almeida (FAMA)
fernandoalmeida15@yahoo.com.br

RESUMO

Para fomentar um lado pouco conhecido da obra de Euclides da Cunha, seus escritos amazônicos, optou-se pela escolha da temática, uma vez que um de seus escritos mais importantes e contundentes foi o conto "Judas-Asvero", em *À Margem da História*, livro organizado por ele, mas publicado meses depois de sua morte em 1909. Euclides primorosamente descreve um estranho ritual da Semana Santa do seringueiro amazônico e, ao mesmo tempo, apresenta uma denúncia de seu modo de vida e da exploração a que ele é subjogado. A escolha do tema, em conformidade com seu título, traz em si a opção pelo procedimento de diálogo com a obra. Este estudo incidirá sobre a forma da narrativa no conto citado e suas relações entre o sagrado e o profano com as implicações da literatura e da história suscitadas pela leitura. O presente estudo parte das contribuições de Euclides da Cunha para a literatura do início do século XX, no chamado Pré-Modernismo, com o intuito de situar o autor e sua obra em uma faixa da história da literatura no Brasil; no campo textual será discutido o uso dos símbolos e imagens no fazer literário e a relação dos seringueiros, os "judas" da floresta, que Euclides da Cunha tão bem utiliza como personagem na criação do conto "Judas-Asvero". Enfim, ao longo do trabalho, será possível observar que um procedimento recorrente em Euclides é relacionar questões técnicas, estruturais e temáticas de sua produção a passagens de sua biografia. Assim, vincula a Amazônia com sua frustração diante de uma região cheia de problemas. Os seringueiros, sendo explorados pelos coronéis, se apresentam como um motivo para a criação literária: retratar o que está "à margem da história".

Palavras-chave: Judas-Asvero. Euclides da Cunha. *À Margem da História*.

1. Introdução

Literatura, nobre arte de fazer surgir no âmago de uma sociedade, por meio da palavra, histórias que acabam relacionando-se com a própria

realidade e, na maioria das vezes, serve de base para a construção de um ideário coletivo, daí que em certos momentos da história da literatura não se possa dizer com clareza quem influenciou quem, se a arte na vida ou vice-versa. Partindo dessa reflexão, é possível encontrar na obra euclidiana páginas singulares que revelam um Brasil longe do litoral, esquecido por grande parte da sociedade brasileira do início do século XX.

Consagrado por sua obra-prima, *Os Sertões* (1902), o escritor fluminense apresenta uma face que é pouco conhecida do grande público leitor. Muito se comenta sobre o “Euclides histórico” ou o “Euclides sertanejo” por conta do que retratara em páginas singulares de *Os Sertões*. Nos últimos anos de sua vida, ele se aventurou em uma jornada na então pouco conhecida floresta amazônica e relatou para o público das grandes metrópoles o que era a vasta área verde em que, segundo ele próprio, o homem chegou como intruso.

Na égide de fomentar um lado não muito conhecido da obra de Euclides da Cunha – seus escritos amazônicos – optou-se pela escolha da temática, uma vez que um de seus escritos mais importantes e contundentes dessa temática foi o conto “Judas-Asvero”, de *À Margem da História*, livro organizado por ele ainda em vida, mas publicado meses após sua morte em 1909. O autor primorosamente descreve um estranho ritual da Semana Santa do seringueiro amazônico e, ao mesmo tempo, apresenta uma denúncia de seu modo de vida e da exploração a que ele é subjugado.

A escolha do tema, em conformidade com seu título, traz em si a opção pelo procedimento de diálogo com a obra. Essa relação deve efetivar-se por meio de uma fusão de horizontes, do texto e do próprio autor. Este estudo incidirá sobre a forma da narrativa no conto já citado e suas relações entre o sagrado e o profano com as implicações da literatura e da história suscitadas pela leitura. Assim, o trabalho tratará da narração com suas experiências históricas, fixando-se na obra literária.

O presente estudo parte das contribuições de Euclides da Cunha para a literatura do início do século XX, no chamado Pré-Modernismo, com o intuito de situar o autor e sua obra em uma faixa da história da literatura no Brasil; já voltando os olhos para o campo textual, discutir-se-á o uso dos símbolos e imagens no fazer literário e a relação dos seringueiros os “Judas” da floresta que Euclides da Cunha tão bem utiliza como personagem na criação do conto “Judas-Asvero”.

Enfim, ao longo do trabalho em questão será possível observar que um procedimento recorrente em Euclides da Cunha é relacionar questões técnicas, estruturais e temáticas de sua produção a passagens de sua biografia. Assim, vincula a Amazônia com sua frustração diante de uma região cheia de problemas. Os seringueiros sendo explorados pelos coronéis se apresentam como um motivo para a criação literária: retratar o que está “à margem da história”. A Amazônia configura-se, pelas questões da época, como um lugar sem história: esquecida, isolada, deslocada da civilização.

Para o desenvolvimento deste, como fundamentação teórica recorreu-se à contribuição de autores como Bosi (2006), Nejar (2007), Belo (1999), Eliade (1996), Tocantins (1978) e outros que se debruçaram sobre a obra desse tão importante escritor. Isto posto, pretende-se com este, contribuir para o fortalecimento e resgate da obra euclidiana e sua relevância para as letras nacionais.

2. *Euclides da Cunha e a literatura do início do século XX*

Quando se analisa a história da literatura brasileira verifica-se uma alternância no que diz respeito à racionalidade e a subjetividade, ou seja, de acordo com a época, determinada escola literária irá apregoar certos valores e ideologias que serão frutos das interferências históricas e sociais no fazer literário. Para Jobim e Souza (1987, p. 48):

A literatura brasileira faz parte de uma tradição literária de origem européia, constituída pela literatura ocidental. O fato é compreensível: os países da América, Brasil entre eles, resultaram historicamente de um processo colonial europeu, e a Europa, de um ponto de vista histórico e cultural, constitui o que chamamos de civilização ocidental.

Vê-se com o exposto que se o fazer literário é uma construção social, conseqüentemente ela não terá uma característica homogênea. Esta situação fica evidente quando estudamos o século XVII, em que nosso país o estilo de época do Barroco estabelece-se como modelo do fazer literário embora ainda em paradigmas europeus. Verifica-se aqui que o primeiro estilo que os estudiosos referem-se quanto à literatura brasileira é o Barroco (JOBIM, SOUZA, 1987, p. 49).

Século após século, a história da literatura no Brasil presenciou o surgimento e decadência de inúmeras escolas literárias, sendo que cada uma influenciou aquela que a sucedeu. Sendo assim, partindo do Barroco, passando pelo Arcadismo, vendo-se o nascimento da ideologia ro-

mântica fundadora do Romantismo, e já nas décadas finais do século XIX a confluência do Realismo/Naturalismo/Parnasianismo, verifica-se uma produção literária que procura firmar-se como um registro da cultura nacional. Embora os escritores românticos escrevessem com certo “ar” de nacionalidade e os Realistas/Naturalistas tentassem descrever de forma objetiva os problemas sociais do país, ainda assim esses escritos não retratavam com eficiência o Brasil.

Essa situação – retratar os problemas sociais brasileiros – começa a mudar com o romper do século XX em que transformações na sociedade insurgem e revolucionam as relações sociais e de mercado. “Politicamente, vivia-se o período de estabilização do regime republicano e a chamada ‘política do café-com-leite’, com a hegemonia de dois estados da Federação: São Paulo [...], e Minas Gerais [...]” (CEREJA, MAGALHÃES, 2003, p. 348).

De acordo com Jobim e Souza (1987, p. 217):

O período da literatura brasileira que se situa entre o apogeu dos estilos da segunda metade do século XIX – Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo – e o surgimento do Modernismo, isto é, esquematicamente entre 1900 e 1922, se caracteriza pela coexistência de diversas orientações estilísticas distintas. Por outro lado, caracteriza este período o fato de nele ocorrerem certas experiências literárias da revolução modernista.

Em meio a essas transformações, insurge então uma nova forma do fazer literário, este que estava diretamente ligado ao momento histórico da época. Esse momento em que diversas tendências artísticas coabitavam – características do realismo e do simbolismo – ou seja, um período sincrético, este foi denominado de “Pré-Modernismo”. Ainda segundo os autores Jobim e Souza (1987, p. 217), o momento do Pré-Modernismo pode ser interpretado da seguinte forma:

A primeira característica deste período por nós mencionada – coexistência de diversas orientações estilísticas distintas – lhe valeu a designação de *período sincrético* ou *eclético* (*sincretismo* e *eclétismo* significam ‘mistura’, ‘combinação ou harmonização de elementos heterogêneos’); a segunda – experiências literárias preparatórias da revolução modernista [...].

Esse movimento pré-modernista é considerado um momento importante para a literatura nacional, pois foi nessa época que os ideais apregoados a partir da semana de 1922 foram gestados, dentre as principais características desse movimento pode-se destacar: ruptura com o passado; denúncia da realidade; regionalismo e tipos humanos marginalizados.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Durante esse período têm-se as importantes contribuições de escritores como, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Augusto dos Anjos, estes são considerados os principais representantes do Pré-Modernismo. Em relação a Euclides da Cunha, é necessário que se ressalte a sua importância para esse movimento literário, uma vez que a sua obra-prima “*Os Sertões*” de 1902 é considerada o marco desse estilo de época.

Longos anos já se passaram, e parece que a obra deixada por Euclides da Cunha ainda é fonte de numerosas pesquisas e trabalhos acadêmicos. Para Bosi (2006, p. 312): “O resultado dá uma imagem dialética de Euclides: um pensamento curvado sob o peso de todos os determinismos, mas um olhar dirigido para a técnica e progresso, uma linguagem de estilo febril, mas sempre em função de realidades bem concretas”.

Tal fato é fruto de um homem a frente do seu tempo e de personalidade viril. Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro em 1866, porém logo cedo ficou órfão de mãe, e passou sua infância entre a casa de seus familiares mais próximos. Ao longo de sua vida estudantil já mostrava seu interesse por questões sociais. A respeito de sua importância para a literatura nacional, Nejar (2007, p. 168) diz que: “[...] foi [Euclides da Cunha] sozinho uma geração, no princípio do século XX, em que o pensamento engatinhava, apesar de intelectuais do porte de um Machado de Assis, Rui Barbosa e Monteiro Lobato [...]”.

É este justamente o importante valor que se deve tirar da obra e da vida de Euclides, ser um verdadeiro desbravador das mazelas do povo e buscar sempre a verdade através de preceitos científicos. No tocante a sua obra, convencionou-se enquadrá-la no estilo de época chamado de *Pré-modernismo*. Esse movimento literário representou uma transição para os modelos literários nacionais, uma vez que os autores desse período, incluindo nesse cenário Euclides da Cunha, passaram a retratar um Brasil pelo viés dos conflitos nacionais e problemas sociais. A esse período da literatura Bosi (2006, p. 306), considera que

poder-se-ia acusar um interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural; mas, em última análise, tratava-se de uma experiência limitada, incapaz de desvencilhar-se daquele conceito de arte herdado ao Realismo naturalista.

E foi justamente os problemas sociais que representam a “mola mestra” dos escritos euclidianos. Mais que meros relatos, como ainda querem alguns estudiosos da literatura, as obras concebidas pela mão forte de Euclides, constituem um encontro com um Brasil ainda desconhe-

cido por grande parte dos brasileiros. A esse respeito, Galvão (in: CUNHA, 1984, p. 34) faz o seguinte esclarecimento:

Os escritos de Euclides da Cunha nascem de uma postura política empenhada, a qual complementa a largueza do âmbito de interesses de fábrica da Escola Militar. Se a esses traços acrescentarmos o projeto de conhecer o Brasil e a ânsia de aventura, teremos o recorte de uma personalidade intelectual que se aproxima de outras de seu tempo, todas elas desviantes na medida em que rejeitam o galicismo de nossa belle époque e uma certa vivência epidérmica de salões e modismos [...]

Foi com tais influências que durante a sua vida literária Euclides produziu uma obra de grande relevância para o estudo de aspectos da sociedade brasileira. Dentre suas obras, torna-se inevitável o destaque para seu livro inaugural, *Os Sertões*, considerada o marco do Pré-Modernismo no Brasil. Nele, o autor descreve de forma magistral o nordeste brasileiro – fauna, flora, o povo – além de narrar os últimos momentos da guerra de Canudos (1897), considerado o pior massacre da história brasileira. Nessa obra fica mais que clara, que Euclides da Cunha não era um simples jornalista, profissão esta que o fez ir a Canudos, mas sim um homem empenhado nas grandes contradições do povo brasileiro. A esse respeito, Dantas (1987, p. 147) assim escreve:

As dimensões do nordeste e da alma brasileira começaram a ser demarcadas pelo gênio de Euclides da Cunha, escritor de natureza convulcionada que, pela literatura e pela sociologia nacional, passou num ímpeto-arremesso, igual a um terremoto a resolver tudo, sempre de baixo para cima, sublevando camadas profundas da nossa estratificação étnica em anticlinais extraordinárias como o do tipo messiânico de Antônio Conselheiro e do fenômeno carregado de Canudos.

Conhecer a Amazônia era um grande sonho do escritor, projeto antigo de um intelectual que imaginava aquela região apenas por livros dos primeiros desbravadores que ali chegaram. Assim, Euclides da Cunha explicou sobre sua chegada a Amazônia: “há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, ‘que é rio e ainda oceano’ tão ineridos estes fáceis geográficos se mostram à entrada da Amazônia.” (CUNHA, 2000, p. 99). A passagem de Euclides pela Amazônia, por certo modo é fruto do grande sucesso que fizera com seu livro inaugural, e como brilhante engenheiro que era. Ele, após seu período na região de Canudos e sua importantíssima cobertura desse massacre, então se recolhe no interior do estado de São Paulo, em São José do Rio Pardo e lá inicia os primeiros escritos de *Os Sertões*.

Após a publicação, o autor é reconhecido nacionalmente como um homem de grande conhecimento científico e ligado às questões sociais.

Nesse período – início do século XX – passa a viver entre as funções de literato e engenheiro. No dizer de Lima (2009, p. 37):

Embora se dedique a paisagens muito diferentes, tanto em *Os Sertões* como nos escritos amazônicos Euclides denuncia o drama da civilização brasileira. Em ambos, ressalta o contraste – às vezes a oposição – entre a população do litoral e aquelas dos sertões (o que poderia incluir a Amazônia, uma vez que era considerada um espaço incivilizado). O sertanejo permanece como personagem central. Ao escritor, cabia denunciar a guerra cotidiana e silenciosa travada nos seringais.

Através de seu reconhecido talento, é convidado a prestar serviços junto ao Palácio do Itamaraty. Nesse período o Barão do Rio Branco representava o mais importante diplomata brasileiro e estava envolto a resolver questões de fronteira entre o Brasil, Bolívia e o Peru. Foi justamente nesse momento que Euclides foi convidado para fazer parte da expedição de reconhecimento do Alto Purus, região norte do Brasil, em que hoje se localiza o estado do Acre, que naquele período precisava ser demarcado como zona brasileira. Na visão de Galvão (In: CUNHA, 1984, p. 33):

Euclides vai trabalhar para o Ministério das Relações Exteriores nas questões de fronteiras e na composição de mapas das regiões ainda desconhecidas do país. Inicialmente, será o chefe da comissão de reconhecimento do Alto Purus em 1904 – o mais longe que jamais se afastou do território nacional – e depois se tornará adido ao gabinete de Rio Branco em 1906.

Dessa forma, o escritor embarcou nessa viagem com muitos planos e um ideal de região amazônica. Segundo Reis (In: CUNHA, 2000, p. 49), a relação entre Euclides e Amazônia, dava-se da seguinte forma: “A Amazônia, que ele desejava experimentar, como já experimentara o Nordeste, estava, como hoje, na ordem do dia [...]”. Quando se fala que a Amazônia naquele período estava “na ordem do dia”, é pelo fato que aquela região tornara-se um pólo de extração de borracha e as questões de fronteira estavam causando transtornos para as relações diplomáticas, principalmente nas regiões amazônicas, que desde o período da colonização os embates territoriais eram frequentes.

Chegando naquele local, Euclides da Cunha logo percebeu que a imagem que tinha – e que muitos brasileiros têm até hoje – de uma região mítica, na verdade não representava fielmente o esperado. Durante o período que permaneceu lá, ele registrou suas impressões de forma magistral, típico de sua linguagem. Assim o autor fluminense (CUNHA, 2000, p. 113) descreve:

Os cenários invariáveis no espaço transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A partir da presença de Euclides da Cunha na Amazônia e de seus escritos, toda a literatura posterior, faz menção a sua figura. Nessa perspectiva é notória a sua participação para o entendimento de questões amazônicas, que hoje parecem atuais, mas que já no início do século passado, despertavam o interesse de um dos nossos grandes pensadores. A esse respeito, Meirelles Filho (2004, p. 129) considera:

Euclides da Cunha, que participa de questões de fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia, terá uma importância capital a partir de sua obra inacabada, o *Paraíso Perdido*. Alberto Mendes acredita que Euclides da Cunha “pode ser proposto pelos brasileiros amazônicos como o anunciador, ou precursor, de um pensamento ecumênico e, por acréscimo, ecumenístico”. Para Euclides da Cunha a Amazônia “é uma terra que ainda se está preparando para o homem”. Para o homem, que a invadiu fora do tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso.

Efetivamente, os escritos de Euclides da Cunha de temática amazônica, representam um capítulo a parte na história da literatura brasileira, principalmente no início do século XX, em que os escritores passaram a investigar os “brasis” esquecidos durante o século anterior. Em face dessa situação, pode-se atribuir a esses escritos o título de “letras verdes”, no sentido de resgatar um Euclides da Cunha que só é lembrado pela sua obra-prima, *Os Sertões*. A propósito da passagem do escritor pela região norte, logo que Euclides da Cunha retornou para o Rio de Janeiro, foi prontamente interrogado sobre quais suas impressões acerca daquela região. Dessa forma, perguntado sobre o que houve de mais relevante em sua difícil estadia na região do Alto Purus, O escritor assim responde:

O sol descia para os lados do Urubamba [...] Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três maiores vales da terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes delatados e trancando-os inteiramente – ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria que nunca imaginei tão grande. (CUNHA, 2000, p. 332).

3. *Algumas categorias para pensar a discursividade: símbolos e imagens no fazer literário*

Quando, nos estudos da linguagem, propõe-se em estudar em que consiste a “discursividade”, esta tarefa por muitas vezes torna-se difícil

uma vez, que ao se estabelecer a delimitação de alguns conceitos que são relevantes para uma primeira investigação, vê-se que as questões do interdiscurso são conceitos que merecem atenção, no sentido que propiciam uma melhor investigação sobre como se dá a construção da identidade de um determinado lugar propiciado pelos diferentes discursos que vão surgindo ao longo da história de determinada sociedade. No caso dos escritos amazônicos de Euclides da Cunha verifica-se que “[...] o tema do isolamento do sertanejo é o que mais sobressai em *Os Sertões*, no cenário amazônico destacam-se o nomadismo, a mobilidade e o desenraizamento da população.” (LIMA, 2009, p. 37)

Nesse sentido, apropriando-se da definição de interdiscurso defendida por Charaudeau e Maingueneau (2004 p. 286),

chama-se também de interdiscurso o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita. Esse interdiscurso pode dizer respeito a unidades discursivas de dimensões muito variáveis: uma definição de dicionário, uma estrofe de um poema, um romance [...]

Com base no exposto, nos estudos da linguagem, é espaço comum a tentativa de chegar-se a uma definição do que seja a “linguagem”. Essa tentativa deve ser levada em consideração, uma vez que ao delimitar-se o conceito, é possível delimitar as formas de interpretação do fenômeno linguístico. Essa proposição aqui elencada é importante na medida em que o processo comunicativo dar-se pelas várias formas de linguagens: verbal e não-verbal e, o texto literário, em especial a narração, constitui-se a partir da palavra escrita. Sendo assim, corroborando para este estudo, Berlo (1999, p. 1), assim relaciona linguagem e comunicação:

A linguagem é apenas um dos códigos que usamos para exprimir idéias [...] Enfim, tudo aquilo a que as pessoas possam atribuir significações pode ser e é usado em comunicação. O comportamento comunicativo tem um campo de ação tremendamente amplo. As pessoas comunicam-se em muitos níveis, por muitas razões, com muitas pessoas, de muitas formas [...]

Vê-se aqui que não se pode dissociar a linguagem do processo comunicativo, uma vez que a primeira é agente “fundante” da segunda. Para ilustrar tal sentença basta perceber que no convívio entre os indivíduos de uma comunidade as relações sociais, e conseqüentemente de hierarquização são produtos das construções comunicativas que são formadas entre eles, ou seja, pelo uso da linguagem estabelece-se a divisão de poder e dessa forma sustenta-se as relações identitárias entre os agentes

do processo comunicativo, influenciadas também, pela *formação discursiva*² do falante. Some-se a isto o que pondera Orlandi (2002, p. 59):

Em relação à memória, há formações discursivas que desaparecem: são regiões que deixam de estar configuradas para fazerem sentido. As delimitações entre uma formação discursiva e outra são necessárias para a significação. São a inscrição necessária do político, simbolizado.

Reconhecer essa situação nos leva a considerar que é pela linguagem que o processo comunicativo acontece e, por conseguinte a identidade de determinado grupo de falantes. A esse respeito, Pinto (2002, p. 28), assim diz sobre a importância da linguagem no discurso e lógico no processo comunicativo:

Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade, pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicativo a procurar ‘dar a última palavra’, isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso.

Dessa forma, reconhece-se aqui que no processo comunicativo, dentro do que se compreende como o sujeito do discurso, ou seja, o produtor/enunciador utiliza da linguagem verbal e de outros signos, como as imagens. Outro elemento que não se pode desvincular do processo comunicativo é a identidade de quem produz o discurso, ou seja, ao produzi-lo, o agente imprime toda a sua carga sociocultural que o identifica dentro de uma comunidade. Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 181-182) apud (MAINGUENEAU, 1987, p. 31-35), assim descreve:

A ausência de polidez pode ser associada ao conceito mais geral de *ethos* – como o comportamento total de um participante, do qual seu estilo verbal (falado e escrito) e tom de voz fazem parte, expressa o tipo de pessoa que ele é e sinaliza sua identidade social, bem como sua subjetividade.

Partindo-se do pressuposto que a literatura é a “arte da palavra”, ao passo que o autor quanto escreve utiliza os vocábulos de sua língua das mais variadas formas para expressar-se, pode-se depreender desse preâmbulo que todo texto literário é carregado de simbologia e imagens. Na visão de Eliade (1996):

² *Formação discursiva*: refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As imagens, os símbolos ao longo da história têm exercido um papel fundamental na vida do homem, haja vista que lhe possibilita expressar-se de forma racional ou através do inconsciente tais imagens. “O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos que ficou na memória que desafiavam qualquer outro meio de conhecimento”.

A obra em questão – *À Margem da História* – é carregada de símbolos e imagens em que o autor utiliza-as de forma singular a fim de reconstituir o contexto histórico-social da região amazônica. Além de enriquecerem estilisticamente a narrativa, o uso de tais elementos reflete a notabilidade de criação artística inovadora típica do estilo euclidiano, evidenciada na forma de articular as palavras, utilizando-se da linguagem pré-modernista do início do século XX, relacionando e ao mesmo tempo em que rememora entidades e fatos literários, políticos, históricos e culturais.

Em Orlandi (2002, p. 27) vamos encontrar a seguinte consideração sobre o papel dos símbolos e das imagens no fazer literário, a saber:

E ao tomarmos um lugar determinado nessa história, estamos produzindo uma forma de conhecimento sobre a língua que constitui, por si, um modo de relação com a linguagem e uma posição teórica definida: a que vê a produção dos objetos simbólicos em movimento, como parte de uma história em que sujeitos e sentidos se constroem.

Analisando a obra euclidiana em questão, verifica-se que: “A ideia do deserto verde, presente em seus primeiros textos sobre a Amazônia, deu lugar a uma análise sobre a forma de ocupação do território e o sistema de exploração econômica adotado.” (LIMA, 2009, p. 36).

Continuando, segundo Eliade (1996):

as imagens são, por suas próprias estruturas multivalentes. Se o espírito utiliza as imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória, e conseqüentemente não poderia ser expressada por conceitos.

Portanto, a história da existência humana está repleta de símbolos, o homem vive e expressa imagens que muitas vezes substituem as palavras ou dão-lhe outros sentidos, falam mais alto, representam muito mais do que a pessoa sente ou poderia dizer por meio da palavra. Continuando com Eliade (1996),

essas imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado, transformando em arquétipo, que esse “passado” contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda existência que só existe quando cessa de ser outra coisa, o pesar de não viver na paisagem e no tempo evocados [...]

Daí, a importância de enfatizar tais imagens, uma vez que elas constituem juntamente com outros elementos o fio condutor da obra euclidiana. Através dos símbolos e imagens, Euclides da Cunha vai invocar a paisagem esquecida da amazônica, uma vez que para o escritor essa região do Brasil estava em abandono. Resta então, se reportar aos habitantes que ali viviam (seringueiros) e resgatar as raízes, “*fazer uma escavação histórica e folclórica da identidade nacional*” trazer à memória tudo que ficou perdido na intenção de mitificar um passado glorioso para talvez projetar o futuro desejado. Com isso “[...] Euclides da Cunha, que tralha o homem brasileiro não mais como um índio majestoso, mas como uma sub-raça e um subproduto de uma desastrosa projeção fantasiosa dos pais portugueses.” (DECCA, 2002, p. 23).

4. Os seringueiros: os “Judas” da floresta

Já foi explicitado que o contexto em que Euclides da Cunha viveu a Amazônia foi o período compreendido entre 1904 a 1905, e este momento de nossa história nacional nos mostra que aquela região conhecia um intenso desenvolvimento econômico, este por sua vez propiciado pelo cultivo da borracha. Este produto de exportação propiciou as cidades pólos, principalmente Manaus e Belém, um alvorecer de construções luxuosas e o desenvolvimento fabril.

A borracha produzida servia principalmente de matéria-prima para produtos automotivos, uma vez que o desenvolvimento desses meios de transporte encontrava seu auge propiciado pelo modelo fordista norte-americano de produção. Na concepção de Fausto (2008, p. 291):

A Amazônia viveu um sonho transitório de riqueza graças à borracha. O avanço da produção que vinha ocorrendo em décadas anteriores tomou grande impulso a partir de 1880. A verdadeira mania pela bicicleta, nos anos 1890, e a gradativa popularização do automóvel, a partir da virada do século, incentivaram ainda mais a produção. Em toda a época de seu apogeu, a borracha ocupou folgadoamente o segundo lugar entre os produtos brasileiros de exportação, alcançando o ponto máximo entre 1898 e 1910.

É importante que se destaque que apesar de toda a riqueza gerada pela produção da borracha, a população das classes mais baixas desses centros econômicos, ainda encontravam-se em condições insalubres de vida. Talvez a riqueza desse produto não contribuiu significativamente para diminuir as desigualdades sociais, pelo contrário, favoreceu um “inchaço” populacional produzindo uma classe excluída de toda e qualquer as-

sistência governamental. A esse fato da história nacional Fausto (2008, p. 291) descreve:

A expansão da borracha foi responsável por uma significativa migração para a Amazônia. Calcula-se que entre 1890 a 1900 a migração líquida para a região – ou seja, a diferença entre os que entraram e saíram – foi de cerca de 10.110 mil pessoas. Elas provinham sobretudo do Ceará, um estado periodicamente batido pela seca.

Aqui com este fragmento acima é importante destacar que as populações que ali chegavam em busca de uma nova forma de vida, um lugar melhor que a terra rachada pelo sol dos grandes sertões nordestinos, chegavam iludidos. Parece ser aqui que reside a questão principal da contribuição dos escritos de Euclides da Cunha para o conhecimento da terra e da gente da Amazônia. Aquele homem dos confins do sul, depara-se agora com um cenário totalmente diferente daquele que esperava. A esse respeito, Lima (2009, p. 35) argumenta:

Expulsos pelas secas, sertanejos nordestinos foram atraídos para a Amazônia pelo ciclo da borracha a partir das últimas décadas do século XX. E em 1904, apenas dois anos após a publicação de *Os Sertões*, o autor da mais profunda obra sobre a vida daquela gente se deparou com seus personagens imersos em um novo contexto.

Ora, será que Euclides estaria de fato abalado com aquela população que chegava aos montes na Amazônia? A questão propriamente é esta. Mas, que gente era essa que chegava à Amazônia? E quem os trazia? Para isso o próprio escritor (CUNHA, 2000, p. 149-150) relata em um de seus escritos sobre suas impressões daquela região:

De fato – à parte o favorável deslocamento paralelo ao Equador, demandando as mesmas latitudes – não se conhece na História exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quanto o da que desde 1879 até hoje atirou em sucessivas levas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará para aquele recanto da Amazônia [...] Tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as secas periódicas dos nossos sertões do Norte, ocasionando o êxodo em massa das multidões flageladas [...] Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria [...] Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca até, aos nossos dias, acompanhou um só agente oficial, ou um médico.

Aqui Euclides da Cunha deixa transparecer, que talvez o ideal republicano ao que foi defensor dos mais fervorosos, não estava cumprindo com os ideais propostos com sua criação, um país próspero e democrático. Mas o que vale aqui é o posicionamento do autor frente a situação que encontrava. Ele de fato, a priori, não imaginava que a Amazônia que

lera no sul era diferente da que encontrara. Vemos aqui a postura de um homem que não estava apenas preocupado com a missão que haviam-no encarregado, mas sim, uma visão de um visionário preocupado com questões de caráter social.

Essa página singular que vemos nos escritos de Euclides da Cunha – o destaque para a situação dos seringueiros – nos revela que o escritor, como alguns estudiosos ainda acreditam, não era apenas uma pessoa que estava relatando fatos, mas percebe-se que ele dá à sua escrita todo um caráter literário, que ultrapassa as impressões superficiais, chegando ao caráter profético, quer dizer, revelando problemas que vemos em pleno século XXI. Ainda no que diz respeito a função do Estado republicano na construção de uma mão-de-obra para a exploração da borracha nos confins da Amazônia, Euclides da Cunha escreve: “Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em toda a parte um pupilo do Estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos últimos pormenores de alimentação ou de vestir [...]” (CUNHA, 2000, p. 148).

Lendo o que Euclides escrevera sobre os seringueiros e sabendo que elas advinham dos grandes sertões do nordeste, nos vem a celebre frase do escritor: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2005, p. 146) – assim referiu-se ao povo do sertão nordestino; esse povo que talvez foi moldado pelas mazelas que viveram e essa força seria a única forma de enfrentar os desafios. Bem, esse povo que Euclides da Cunha retratou magistralmente, o mesmo escritor iria encontrar tempos depois embrenhados na imensidão da floresta amazônica, subjugados aos “mandos e desmandos” dos senhores da borracha. E ao ver novamente esse ser humano que sai dos interiores dos sertões, arrasado pela seca, para a imensidão das águas, é que o autor escreve. Esse povo sofrido que no momento em que sai de sua terra natal, já tem sua sentença decretada: as dívidas é o patrimônio que resta:

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. É as suas almas simples, a um tempo ingênuos e heróicos, disciplinados pelos reveses, garante-lhes, mais que o organismo robusto, o triunfo na campanha formidável. (CUNHA, 2000, p. 146)

Resguardando-se o tom de denúncia do escritor, mas no bojo de uma linha cientificista, uma vez que sua formação deu-se em bases positivistas, Euclides da Cunha vê que as pessoas da Amazônia, em especial os seringueiros são moldados por fatores da natureza, como o clima e as

imposições sociais que para o autor exercem grande força no determinismo humano. Esse cenário de exploração das pessoas que ali viviam, por parte dos proprietários da terra, chamou a atenção do escritor. Assim caracteriza Mota (1974, p. 154):

As secas do Nordeste, conjugadas com a exploração extensiva da grande e nova riqueza descoberta na Amazônia – a extração da borracha natural da seringueira – iriam determinar, ao mesmo tempo, um grande deslocamento das populações sertanejas para os estados do Norte e a expansão das nossas fronteiras para além dos limites até então – fins do século 19 e princípios do século 20 – fixados.

Em suas observações na obra *À Margem da História*, o autor faz um escrito intitulado “Judas-Asvero”, em que descreve a situação dos seringueiros, até as altas dívidas contraídas a partir de sua chegada nos seringais. Nesse sentido, Euclides remontando a figura bíblica de Judas, discípulo que traiu Jesus por trinta moedas de prata, enxerga nos seringueiros, os homens e mulheres que saíram de sua terra, ao jugo de falsas promessas e que embrenhados na floresta, tornam-se indivíduos sem perspectivas de vida: “No sábado de Aleluia os seringueiros do Alto Purus desferram-se de seus dias tristes. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades”. (CUNHA, 2000, p. 173)

No final de seu contato com esses indivíduos, propiciado pela conclusão de seus trabalhos no Alto Purus, Euclides da Cunha de fato não saiu da mesma forma que entrou, o engenheiro que ali chegara, saíra com um novo projeto, um projeto de contar a Amazônia, assim como o fizera em *Os Sertões*. Mas o que mais chama a atenção é como o autor fecha suas considerações sobre os seringueiros:

O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados e tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicação, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase serviço, à mercê do império descricionário dos patrões. A justiça é naturalmente serôdia ou nula. (CUNHA, 2000, p. 311)

5. *Entre margens: o sagrado x o profano*

Assim como o sentido de margem já foi descrito remete-nos ao sentido de “exclusão”, exclusão da população amazônica do assistencialismo governamental; é possível atribuir o sentido de margem à dois pó-

los distintos, ou seja, têm-se dois lados que apesar de próximos, cada um terá sua característica, isto é o caso da simbologia que Euclides da Cunha traz em Judas-Asverus: a coexistência do sagrado e do profano como elementos constitutivos desse povo da floresta, matéria-prima para sua narrativa. Para o escritor, mencionando o sagrado, estar-se-ia denunciando o profano. O aspecto sagrado estaria presente em sua narrativa, no momento que o autor descreve o tempo da Semana Santa, momento este em que o seringueiro tenta santificar-se. Nas palavras de Euclides da Cunha (CUNHA, 2006, p. 67):

No Sábado de Aleluia os seringueiros do Alto-Purus desferram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes.

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacentemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.

De outro lado, o profano está incorporado no próprio seringueiro e sua difícil vida nas entranhas da floresta amazônica, em que seus dias passam como se fossem décadas. Euclides da Cunha, como homem de ciência que era, deixa subtender seu certo “ar” anticatolicismo, todavia, sendo conhecedor dos costumes religiosos. Esta situação, fica evidente na seguinte passagem da obra *À Margem da História* (CUNHA, 2006, p. 67;69):

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, os meios jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.

Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Analisando o próprio nome da narrativa euclidiana, já é possível encontrar um direcionamento. Na tradição judaico-cristã, “Judas Ahsverus ou Ahsauerus” era o judeu que vagava sem direção, errante, sem morada, tradição esta que tem suas raízes no tempo das Cruzadas para a terra santa no século XII. De acordo com a tradição oral, essa lenda tem diversas explicações, de acordo com o século e o povo. Contudo, de maneira geral, o “Judas Ahsverus” era um judeu que injuriou Jesus Cristo em seu caminho para o calvário e, que por isso foi condenado por Jesus a

vagar pela terra, porém, sem nunca falecer, até a segunda vinda do Cristo. Toda essa tradição, Euclides da Cunha acrescenta ao seringueiro e constrói, segundo Tocantins (1978, p. 161):

[...] é uma das páginas clássicas da literatura brasileira. Na construção literária. No calor humano que transmite. Na interpretação original. Na denúncia que é perceptível em cada frase. Na solidariedade social. No poder de captar a realidade e transmiti-la de maneira impressionista. Na veia de realizar-se pela expressão de um estado de alma pessoal. Na extrema sensibilidade de reagir ao mundo exterior e interpretá-lo de acordo com as próprias reações da inteligência. Na criação de formas, tipos e símbolos, nos quais se entrevê realces sociais, manifestações psicológicas.

Para Euclides da Cunha, em situação análoga, o seringueiro seria pois amaldiçoado que estava condenando a vagar por entre a imensa floresta, se nunca conseguir retornar à sua terra de origem, para lograr do descanso merecido. Nessa perspectiva, o escritor encarava o trabalho nos seringais como uma maldição na medida em que, o escrito entendia que quanto mais o seringueiro trabalha, mais preso ele fica aos mandos e desmando dos patrões, um verdadeiro ciclo interminável.

A única saída para esses homens seria a morte, encarada como a única libertação possível. Dessa maneira, Euclides da Cunha utiliza-se de uma figura humana para construir seu modelo de homem amazônico, a sua destreza na descrição da figura do seringueiro “[...] É o que basta para o escritor criar o tipo que sua consciência pessoal expressa: o judas-símbolo, a figura que o seringueiro cria para punir a si mesmo [...]” (TOCANTINS, 1978, p. 159).

6. Considerações finais

A Beleza – não um fim ou um simples prazer, ou mera preocupação estética, mas uma consequência, um instrumento de comunicação, uma comunhão com as coisas, um poder de penetração, uma função utilitária. Suas obras nunca seriam esquemáticas, hirtas, melancolicamente técnicas. São mensagens dramatizadas, que palpitam de vida, formas e sugestões: aformoseiam nossas próprias vidas. (TOCANTINS, 1978, p. 260).

Detentor de uma riqueza vocabular extraordinária e de uma singular maneira de descrever os problemas sociais, Euclides da Cunha, é essa figura relevante para as letras brasileiras, que faz jus ao comentário citado acima, uma vez que os seus escritos não constituem apenas como relatos, mas sim como “mensagens dramatizadas, que palpitam de vida, for-

mas e sugestões: aformoseiam nossas próprias vidas”. Desta maneira, quando se volta o olhar para a investigação de sua obra de temática amazônica, percebe-se que o escritor que presenciara o massacre de Canudos, adquirira uma agudeza no fazer literário.

Somando-se a isto, nos escritos reunidos em *À Margem da História* (1909), verifica-se um escritor que compreendia que a região norte do país não podia mais ficar sem a atenção governamental e, que os seringueiros – que em sua maioria eram sertanejos do nordeste brasileiro – estavam presos em sua própria pátria uma vez, que não conseguiam libertar-se de suas dívidas contraídas na viagem para a região amazônica.

Nessa conjuntura, a narrativa euclidiana e, suas peculiaridades do pré-modernismo – interesse pelos problemas sociais brasileiros, busca de uma linguagem mais próxima do português falado no Brasil – constituiu-se como uma linguagem marcada por imagens, de tipos humanos e da paisagem amazônica, elementos estes, que dão a escrita euclidiana caráter universal.

Enfim, ao deste estudo monográfico, pode-se perceber que no ano das comemorações do centenário de morte de Euclides da Cunha, sua obra mostra-se atual, pois no caso deste, falando da Amazônia, que hoje é fruto da cobiça e exploração desmedida, e que para muitos brasileiros ainda é desconhecida, é importante ressaltar o olhar pioneiro de Euclides, que já naquela época – início do século XX – preocupou-se com aquela região, não em um sentido de um ecologista, pois não era sua formação, mas sim um olhar de um homem preocupado com a integração nacional e reconhecimento dos problemas sociais. E aqui parafraseando o grande Silvio Romero, é impossível negar, que o Brasil e os brasileiros ainda têm muito que aprender com o legado euclidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLO, David K. *O progresso da comunicação: introdução à teoria e a prática*. Trad.: Jorge Arnaldo Fontes 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. vol. único. São Paulo: Atual, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildo Rocha. Brasília: Senado Federal, 2000.

_____. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. *Euclides da Cunha*. Org.: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1984.

DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: CHIAPPINI, Lígia; BRESCIANI, Maria Stella (Orgs). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. (p. 23-26).

DANTAS, Paulo. *Capitão jagunço*. São Paulo: IBRASA, 1987.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad.: Izabel Magalhães Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

JOBIM, José Luís; SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

LIMA, Níssia Trindade de. Outro sertão. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 4, n. 47. Rio de Janeiro: SABIN, 2009.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. *O livro de ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MOTA, Lourenço Dantas. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Três, 1974.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Copesul; Telos, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez. 2002.